



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12565 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

**CURRÍCULO E VIOLÊNCIA NA ESCOLA:** um estudo acerca da violência simbólica diante das práticas educativas.

Andréa Maia Maciel - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Hercilia Maria de Moura Vituriano - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Antonio Jose Miranda Silva - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

**CURRÍCULO E VIOLÊNCIA NA ESCOLA:** um estudo acerca da violência simbólica diante das práticas educativas.

## 1 INTRODUÇÃO

A violência é algo que inquieta a sociedade de forma geral e, nesse contexto, por vezes, a escola também é alvo ou produtora desta. Por sua vez, ela é manifestada em diferentes maneiras, tais como: violência física, “é caracterizada pelo uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades” (Krung, 2002, p. 5), a violência psicológica “está relacionada à tentativa de difamar o indivíduo por meio de agressão verbal com ofensas e insultos que afetam sobre a auto estima” (Krung, 2002, p. 5), e a violência simbólica, “formas de coerção que se baseiam em acordos não conscientes entre as estruturas objetivas e as estruturas mentais” (BOURDIEU, 2006, p.239), além de compreender abusos de poder através de formas de autoridade e violência institucional (ABRAMOVAY,2006).

A violência na escola é um tema preocupante e complexo, pois ele está evidente em nosso dia a dia dentro da escola, porém ela não deve ser entendida apenas como a violência física, verbal ou psicológica, é fundamental também refletir acerca da violência que a escola exerce sobre o aluno(a), violência essa, chamada de simbólica, por vezes, legitimada por meio do currículo escolar.

Nesse contexto, faz-se necessário a análise do percurso histórico de estudos relacionados à violência nas escolas no Brasil, perpassando pela caracterização e a definição

geral do termo, além de especificar a visão de alguns teóricos sobre a manifestação da violência no contexto escolar, bem como, verificar e evidenciar alguns dados sobre a existência e o avanço da violência urbana presentes dentro e fora das escolas.

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a relação do currículo e a materialização da violência simbólica no contexto das práticas pedagógicas na escola. Busca ainda a ampliação do debate sobre a expressão da violência na escola em suas diferentes formas com destaque ao que se denomina por violência simbólica. Para alcance desse objetivo foram levantadas questões sobre o currículo apoiando nossa discussão a partir do conceito de violência simbólica proposto por Pierre Bourdieu, destacamos ainda, como ela é exercida na escola, e como o currículo pode contribuir com a materialização dessa problemática.

Portanto, as reflexões nesse estudo visam ampliar o olhar sobre como o currículo materializado nas práticas pedagógicas, pode contribuir para a efetivação de diferentes tipos de violência na escola, sobretudo no que se refere à violência simbólica.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A escola, de acordo com Abromovay (2002), é um dos principais ambientes de convivência social, onde torna-se um espaço de interação social e aprendizagem de grupos distintos, rodeados pela diversidade estrutural e cultural de alunos, gestores, professores e pais e ou responsáveis. Nesse encontro de diferenças pode ocorrer divergências de opiniões, e conseqüentemente, conflitos. Estas discordâncias fazem parte do processo de interação e do convívio em sociedade, porém, quando excedem limites, podem terminar em violência. Mas é importante ter claro o que é violência e como ela pode se materializar. O conceito de violência modifica-se à proporção que a sociedade se reestrutura e avança em termos de garantias e afirmação de direitos sociais. (OLIVEIRA; GOMES,2012).

Nesse sentido, ao analisarmos o percurso histórico de estudos no que diz respeito à violência no contexto escolar, verificamos que, segundo Galvão et al (2010), as discussões sobre violência na escola no Brasil datam aos anos 80, tendo como grupo alvo os alunos e as escolas. Naquele momento, as pesquisas apontam, segundo Cardoso et al (2013), como indicativos de violência escolar, o ataque aos prédios de ensino e a depredação do patrimônio público, também naquele período, o conceito de violência estava inteiramente relacionado às invasões, furtos e atos de vandalismo ao espaço físico que eram cometidos por pessoas, que geralmente, não eram pertencentes a escola. Ao mesmo tempo, iniciavam-se os primeiros movimentos da sociedade reivindicando medidas de proteção às instituições escolares.

Nos anos 90, houve um crescimento no número de pesquisas a respeito do tema, tendo como destaque uma pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, abordando a violência juvenil nas camadas médias e nas periferias urbanas (GALVÃO et al, 2010). Além de uma grande quantidade de iniciativas públicas voltadas para diminuir casos de violências nas escolas, tais como, as ações desenvolvidas pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça como a

campanha de desarmamento divulgadas tanto na mídia quanto no contexto escolar, o Programa Paz nas Escolas.

A partir dos anos 2000, algumas ações do Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Fundamental na criação de material didático de apoio, como um kit de apoio aos educadores chamado: Ética e Cidadania no Convívio Escolar (MEC, 2001); e o programa “Brasil sem Homofobia” do Ministério da Saúde (2004) que ofereceu formação continuada aos professores com intenção de reformular e reestruturar comportamentos sexistas e homofóbicos, entre outros.

A violência vem alcançando espaço considerável, a ponto de ser entendida como um problema social complexo, visto que ela pode ser observada de diferentes formas. Sendo assim, na escola, a violência pode ser considerada também, como sendo, uma construção social, pois ela varia de acordo com a realidade em que a escola e os atores escolares estão inseridos.

Nesse sentido, alguns dados refletem esse crescimento acelerado de atos de violência na sociedade, sobretudo na escola, tais como, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do relatório da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2019, investigou os diversos aspectos da vida do estudante no país, dentre eles, analisou o percentual de estudantes de 13 a 17 anos que se sentiram humilhados por provocações de colegas da escola (nos últimos 30 dias à pesquisa) afirma que, no Brasil, 23% disseram ter sofrido esse tipo de violência.

Especificamente, no estado do Maranhão, de acordo com dados do IBGE (2021), 1 (um) em cada 5 (cinco) estudantes, ou seja, 20,1% da totalidade de alunos matriculados na rede pública, afirmaram ter sido acometidos por algum tipo de provocação remetendo a agressão. As meninas relataram uma proporção superior, cerca de 24%, a mais de que o número de casos registrados por meninos. Desse público masculino, o registro foi de apenas 16,3%.

Essa pesquisa também aponta o “*bullying*” como uma das formas mais frequentes de ataques e de se sentirem provocados e muitas vezes vítimas de violência. Os estudantes maranhenses responderam que as principais causas foram: aparência do corpo (16%), aparência do rosto (10,6%) e cor ou raça (9,2%). Esses dados nos mostram o quão importante e necessário o debate a cerca da violência escolar.

Numa outra perspectiva, temos dentro da estruturação das relações de hierarquia do sistema educacional, a qual está ligada às políticas públicas educacionais, uma forma de violência chamada por Bourdieu (2006) de violência simbólica. Essa forma de violência tem sido vivenciada na escola por seus diferentes sujeitos, quer sejam professores, estudantes, dentre outros. Assim é importante entender o que é esse tipo de violência.

A violência simbólica é um tipo de violência pouco conhecida, pouco identificada e,

muito menos divulgada nas instituições sociais. Podemos associá-la também, a maneira como é organizada as relações hierárquicas dentro do sistema educacional. Segundo Bourdieu (2006), esse conceito parte do pressuposto de que a sociedade é tida como um espaço de dominação e reprodução sutil das desigualdades sociais. Assim, a violência simbólica é uma violência que é exercida de forma suave, imperceptível e, por vezes, invisível, na qual quem a sofre nem sempre tem clareza de que determinada situação é de fato um ato de violência.

Assim, cabe a escola como um espaço de formação humana, contribuir para uma tomada de consciência acerca dessa problemática. Segundo Lima; Cardoso; Sandes; Oliveira (2018), enquanto uma instituição social, a escola, por meio do seu currículo, pode favorecer ou criar, situações em que o poder simbólico impunha uma dominação e uma cultura específica dos dominantes sobre as outras. Mas também, a escola, pode por meio de uma concepção de currículo como artefato cultural, trabalhar em favor do enfrentamento de práticas de violência em seu contexto, oferecendo uma educação que contemple a diversidade de culturas, pessoas e identidades que permeiam a vida dos sujeitos que compõem o contexto escolar.

Mas no geral temos uma cultura escolar marcada por uma unilateralidade, e o mais agravante é que boa parte dos pertencentes da comunidade escolar não tem consciência que estão reproduzindo as ideias que por vezes, deixam de lado as diferenças. Assim, quando Bourdieu busca conceituar a violência simbólica apresenta uma possibilidade de que as instituições escolares tomem consciência desse problema. A tomada de consciência do problema pode contribuir para que gestores e professores e toda a comunidade escolar, não continue a reproduzir práticas violentas nas instituições educativas.

Nesse sentido, a escola proporciona (ainda) o cumprimento disfarçado ou mesmo, sabendo, a reprodução de uma cultura baseada nos ideais da classe dominante por meio do currículo disponibilizado pelo sistema para que seja utilizado em qualquer contexto escolar como uma receita pronta. (LIMA; CARDOSO; SANDES; OLIVEIRA, 2018)

Logo, a educação que é ofertada numa escola traz dois caminhos: para as classes mais baixas, uma formação necessária para adentrar ao mercado dar ao mercado de trabalho em busca de melhores condições em sua vida e, para as classes mais altas, estas já detentoras de capital econômico, cultural e linguísticos, uma formação no sentido de dar continuidade de sua posição superior na sociedade.

Portanto, observamos que essas relações de poder manifestadas na escola e a aplicação de um currículo homogêneo dentro do sistema educacional, demonstra a ocorrência da violência simbólica reforçando as desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, pois “ a violência simbólica se manifesta na escola por meio de desigualdades, preconceitos, discriminação, relações de poder, currículos hegemônicos, monoculturais e etnocêntricos. ” (PACIEVITCHI e EYNG, 2011, p. 9)

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A violência é um problema social decorrente de vários fatores e um dos principais motivos são as desigualdades sociais. Dentro dessa dimensão de atuação ou ocorrência, temos a escola como exemplo, na qual ela imperceptivelmente, pode, por vezes, reprimir o aluno dentro da educação básica, por meio do seu currículo, que prioriza os interesses da classe dominante, desconsiderando as diferentes manifestações culturais, linguísticas da grande massa, a qual é excluída.

Nesse contexto, procuramos ao longo desse estudo, desmistificar a ideia de que só existe um tipo de violência, mostrando as diferentes variações que mais estão presentes no ambiente escolar, tais como: a violência física, psicológica, institucional e a simbólica. Esta última, abordada aqui como uma crítica a maneira como o currículo formal nos é (im)posto no sistema educacional.

Assim, estudamos o conceito de violência simbólica fazendo uma relação com o currículo, destacando que, por vezes, acabam segregando seus sujeitos, mesmo que por muitos, pertencentes da comunidade escolar, sejam inconscientes desse papel segregador, tornando-os tanto vítimas quanto autores desta violência.

Parcialmente, podemos ter como resultados deste estudo que ainda há um desconhecimento por parte da grande maioria dos indivíduos na sociedade, bem como, na escola, das diferentes formas da violência, tornando dificultoso a percepção de suas atuações nos diferentes ambientes, inclusive na escola.

Portanto, é necessário (re)pensar o currículo de modo que não continue com seu papel, na maioria das vezes, de reprodutor, pois desta forma, ele além de violento, não é atrativo aos alunos, sendo a escola para eles, somente uma maneira de conseguir diploma e não da busca do conhecimento, reflexão e construção de novos conhecimentos. Por isso, é preciso refletir e (re)elaborar um currículo que abarca questões importantes, as quais estão presentes as questões socioculturais, as heterogeneidades de pensamentos, identidades, entre outros. Bem como, (re) pensar a organização dos espaços e do tempo escolar, no intuito de atender as demandas dos alunos, e sobretudo, (re)pensar a formação dos professores, para que possam entender e/ou acompanhar todas as mudanças da sociedade, incluindo aí a violência nesse contexto.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ABROMOVAY, Mirian. **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Ética e cidadania no convívio escolar: uma proposta de trabalho**. 50 p. Brasília. 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual.** 32 p. Brasília. 2004.

CARDOSO, João.C; GOMES, Candido. A.; SANTANA, Edna. U. **Escola e polícia em três países: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 21, n. 81, p. 685-710, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/8FZMtyVQXXs3v68BfcczqWx/?lang=pt&format=pdf>  
Acesso em: 7 de nov 2021.

GALVÃO, Afonso. et al. **Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo.** Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, v. 18, n. 68, p. 425-442, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VZYbhcqh8NgPyQynCq5M94G/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 de jan 2022

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar : 2019 / IBGE,** Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro : IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf> Acesso em: 12 jun 2022.

KRUG, E. et al. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde.** Geneva: OMS, 2002.

LIMA, Ana Clara; CARDOSO, Otávio de O.; SANDES, Jordana V.; OLIVEIRA, Beatriz B. **Currículo e violência nas escolas públicas brasileiras.** Congresso Nacional de Educação, 5, Recife: CECON. Anais eletrônicos, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46871> Acesso em: 20 de mai 2022.

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. **Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar.** Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/7947/7475> Acesso em: 12 jun 2022

PACIEVITCH, Thais; EYNG, Ana Maria. **Currículo e Violências nas escolas: Perspectivas Moderna E Pós-Moderna.** Anais do X Congresso Nacional de Educação – Educere. Curitiba: Champagnat, CD 1, v. 1, p. 2630-2642, 2011.